



CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GABRIELA DA PAZ ARAÚJO

**CONSTRUÇÃO DA ANGOLANIDADE NA FICÇÃO DE
AGUALUSA**

GUARABIRA – PB
2013

GABRIELA DA PAZ ARAÚJO

**CONSTRUÇÃO DA ANGOLANIDADE NA FICÇÃO DE
AGUALUSA**

Monografia apresentada em cumprimento aos requisitos para obtenção de grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Orientadora: Prof^a. Dr^a: Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE

A658c

Araújo, Gabriela da Paz

Construção da angolanidade na ficção de Agualusa / Gabriela da Paz Araújo. – Guarabira: UEPB, 2013.

42f. : Il., Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dra. Rosilda Alves Bezerra.”

1. Literatura Angolana - Análise 2. Identidade
3. Memória I.Título.

22.ed. 896

GABRIELA DA PAZ ARAÚJO

CONSTRUÇÃO DA ANGOLANIDADE NA FICÇÃO DE AGUALUSA

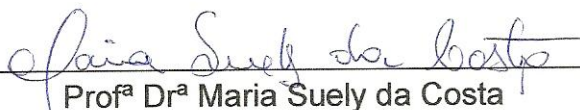
Monografia apresentada ao Curso de graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de licenciado em Letras, à universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Aprovada em 27/02/2013.

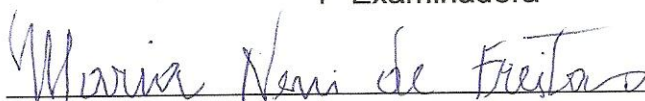
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra
Orientadora



Profª Drª Maria Suely da Costa
1ª Examinadora



Profª Drª Maria Neni de Freitas
2ª Examinadora

Guarabira – PB
2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me possibilitar inteligência, vigor e força para continuar sempre em busca de meus sonhos. A meu pai Gentil pelo encorajamento e pelas horas dedicadas a me esperar, a minha mãe Verônica que sempre me deu muita força para nunca desvanecer do almejado, me ensinando sempre a ser forte e a não deixar ninguém me humilhar, aos meus irmãos Gabriel, Emanuela e Rafaela que sempre estiveram presentes fazendo a maior bagunça nos meus momentos em casa, me ensinando que a paciência é um dom maravilhoso. Ao meu noivo que sempre esteve presente ao meu lado, me dando força para continuar e me distraíndo nos momentos mais difíceis. A meu tio Izael pelo carinho, a minha madrinha Nena, que me acolheu durante todos esses anos de universidade em sua casa, a minha amiga Selma, que cuidava dos meus materiais todas as tardes quando eu ia a UEPB. Também o meu querido amigo José Carlos que se faz presente em todos os momentos de minha vida.

Agradeço a minha orientadora Prof^a. Dr^a: Rosilda Alves Bezerra pela confiança e oportunidade dada ao me convidar para participar do programa de pesquisa Pibic financiado pelo CNPq, sendo ela a responsável por fazer com que eu despertasse o gosto pelas obras de José Eduardo Agualusa e pela temática analisada nesse trabalho.

A prefeitura municipal de Cacimba de Dentro, junto com o Prefeito Edmilson Gomes de Sousa e a Secretária de Educação Solange Cristina Gomes de Sousa, pelo transporte dado todos os dias para nós, universitários, nos deslocarmos de nossa cidade até a UEPB em Guarabira.

A todas as amigas que construí durante esses anos, tanto na sala de aula, como no ônibus, em especial: Elaine Carla, Felipe Alves e as pessoas maravilhosas que cederam suas casas para me receber, assim, me possibilitando participar de alguns eventos como em João pessoa: minha amiga Perla, e, em Natal, a Professora Suely Costa. Pessoas maravilhosas que não deixarão jamais de fazer parte de minha vida.

Dedico a Deus e a minha família, responsáveis pela pessoa que sou e motivadores das minhas realizações.

“ A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê”. (Arthur Schopenhauer)

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar três romances do escritor angolano José Eduardo Agualusa, observando a transitividade cultural como elemento presente em *Milagrário pessoal*, *As mulheres do meu pai* e *Nação crioula*. Nesse sentido, serão consideradas as relações entre sociedade e literatura, na perspectiva de identificar os elementos que possibilitam a construção identitária das personagens. A história de Angola servirá de suporte para a compreensão da sociedade angolana apresentada por Agualusa. Nesse sentido, pretende-se observar aspectos relevantes que caracterizam questionamentos acerca das fronteiras estabelecidas sobre a identidade e dos valores impostos como universais. O estudo fundamenta-se, sobretudo, na análise das personagens que transitam através da construção de suas próprias identidades, a partir de interação com outras culturas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Identidade; Língua; Memória.

ABSTRACT

This paper analyzes three novels of the Angolan writer José Eduardo Agualusa, watching as transitivity cultural element present in *Millagrário* itinerant personnel, *Women of my father* and *Creole Nation*. In this sense be considered the relations between literature and society, from the perspective of identifying the elements that enable the construction of identity of the characters. The history of Angola will provide support for the Angolan society a comprehension presented by Agualusa. That sense, we intend to weave beyond statements of value in the work of José Eduardo Agualusa, relevant aspects that characterize questions about the boundaries established on the identity and values of taxes as universal. The study is based mainly on the analysis of the characters that pass through building their own identities from interactions with Othercultures.

KEYWORDS: Culture, Identity, Language, Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FICÇÃO E REALIDADE: PROPÓSITO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	16
1.1 Um autor pós-moderno	16
1.2 A ironia como força motriz das narrativas	21
2 A MULTIPLICIDADE CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	24
2.1 O papel da Língua Portuguesa na construção da nação angolana	24
2.2 O colonizador colonizado e a relação de poder	29
3 VIAGEM E ESPAÇO IDENTITÁRIO.....	31
3.1 Viagem e deslocamento: perspectiva de valorização de espaços.....	31
3.2 Identidade: uma questão de transitividade.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho se constituiu a partir da pesquisa do Pibic intitulada Identidades e territórios da lusofonia em “Nação crioula”, “As mulheres do meu pai” e “Milagrário pessoal” de Agualusa desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba, no Centro de Humanidades, em Guarabira, sob a supervisão da Prof^a. Dr^a: Rosilda Alves Bezerra. Tendo como propósito investigar nos romances *Milagrário Pessoal*, *As mulheres do meu pai* e *Nação crioula*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, a fusão de culturas diversas, advindas dos países de Língua Portuguesa e as relações sociais existentes entre esses países e o constante processo de construção identitária de sua nação.

A literatura e a sociedade estabelecem entre si, uma relação de sentidos que vem marcada pela interdependência e pela reciprocidade, sendo então respectivamente notável o caráter estético da literatura e a reflexão quanto aos aspectos políticos da sociedade. Miticamente, a arte literária tornou-se uma representação autêntica das manifestações culturais, deixando de ser entendida como apenas uma idealização humana, como acreditavam os românticos para ser uma criação ligada diretamente à vontade íntima do homem e da sociedade.

No contexto histórico-social dos países africanos de língua lusófona, as obras citadas estão inseridas em um cenário diversificado, marcado por guerras, administração corrupta, preconceito e uma grande diversidade cultural. Tais evidências propiciam o complexo processo de construção identitária ou o que denominamos “angolanidade”, com o permanente diálogo estabelecido nas obras entre a ficção e a história de Angola.

Os cerca de 14 milhões de habitantes¹ de Angola em sua grande maioria são de origem Bantu², palavra essa que apresenta como radical *ntu* que significa homem, *Baé* indicativo de plural, assim, *bantu* significa homens, seres humanos. O povo *bantu* possuía conhecimentos técnicos, em metalurgia, agricultura e cerâmica, possibilitando com maior facilidade sua fixação em comunidades agrícolas. A partir do século XII, começa uma estruturação dos grupos étnicos formando-se reinos

¹O último censo datado de Angola é de 1970, esse percentual de 14 milhões de habitantes esta disponível no site da Embaixada de Angola, podendo variar de 11 à 17 milhões de habitantes. www.angolanembassy.gr

²www.inzotumbansi.org

autônomos. Estes novos reinos se estabelecem com a centralização do poder em um chefe de linhagem denominado Mani, esse que ganhou respeito da comunidade, por ter prestígio e poder econômico. Por volta de 1.400 é formado o reino do congo, que tinha autoridade sobre a maior parte do norte do território que é ocupado por Angola. O reino do Ndondo era situado mais ao sul e habitado pelos Kimbundos, seu rei era intitulado por Ngola o qual originou o nome Angola.

Em 1.482, os portugueses chegaram à foz do rio Zaire, localizado no extremo norte de Angola, onde estabeleceram relações comerciais com o governador local do reino do congo que incluía a comercialização de escravos. Já o reino do Ndondo resistiu contra a presença dos colonizadores por algumas décadas graças à rainha Njinga Mbandi que possuía grandes habilidades políticas. Os reinos de Matamba e Kassange mantiveram a sua independência até o século XIX.(Cf.GRANJA, 2009).

As terras africanas eram disputadas por países mais poderosos que Portugal como a Inglaterra, a Alemanha e a França tornando-se urgente uma ocupação de território. A conferência de Berlim, realizada entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, foi responsável por organizar a ocupação da África, é diretamente após esse pacto que coube a Portugal uma efetiva ocupação de território e difusão da cultura europeia pelo interior de Angola, resultando em uma divisão que desrespeitou todo o contexto histórico e social dos povos que habitavam o continente.

Nesse contexto Angola é descrita por Agualusa como um país que está diretamente ligado à diversidade cultural resultante dos diversos processos econômicos e sociais ocorridos, como a exportação dos escravos, a implementação da cultura europeia e as constantes lutas pela independência. Estes processos auxiliaram na nova conscientização de uma burguesia considerada intelectual que se estabelecia principalmente por colonos, seus descendentes e colonos assimilados, assim intitulados por corresponderem às exigências dos colonizadores.

Os movimentos nacionalistas angolanos floresceram com o contato dos estudantes angolanos com as ideias nacionalistas europeias. A partir da geração de 50, que ocorre a fase de conscientização do angolano, fazendo com que o mesmo crie uma autonomia política em relação ao seu colonizador e tente se libertar desse sistema que o aprisiona. Nessa perspectiva Ferreira afirma:

Sendo o colonialismo um sistema carregado de contradições, os germes de sua própria destruição emergem em diversas circunstâncias e vários níveis. [...]Inclusive a repressão violenta das forças coloniais vai espreitar as consciências, criar a animosidade de uma forte atividade literária paralelamente a organização política já em marcha. E quanto mais decididamente os escritores superam a sua condição de colonizados e se impõem através da produção de texto de raiz nacional e empenhamento numa luta comum. (FERREIRA, 1989, p. 31-32)

Nesse contexto, a literatura torna-se um meio para a representação de ideologias, caracterizando-se como de resistência e de combate ao colonialismo e suas respectivas decisões. O objetivo da produção literária caracterizou-se na construção dos heróis nacionais que se situavam interiormente a colonização, buscando também introduzir os novos heróis que faziam parte da construção da nação em meio às imposições do colonialismo. A língua portuguesa mesmo sendo instrumento de opressão do colonizador português tornou-se instrumento de divulgação das ideias nacionalistas que se disseminavam pelo país, proporcionando a população bilíngue de Angola um entendimento do que se passava naquele período e possuía uma versão escrita e não apenas falada como as outras línguas locais que atingia outras nações lusófonas.

Os escritores angolanos foram parte essencial no processo de luta para a libertação de Angola, iniciando-se na “geração de 50”, que, além dos escritores, também fizeram parte os fundadores do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, posteriormente, na “geração de 60” destacam-se escritores como: Pepetela, Luandino Vieira e Manuel Rui. A “Geração de 70” é considerada como um prolongamento da anterior, destacando-se Boa Ventura Cardoso. Esses autores são personagens reais das histórias por eles criadas, pois participaram ativamente desse projeto de construção da nação Angolana. O processo de negociação para a independência passou a ser possível com o fim do regime Fascista Português, ocorrido por meio da revolução dos cravos em 1974. Assim foi feito um acordo entre líderes dos movimentos e o governo Português, mas com o desentendimento entre os movimentos: MPLA, Unita³e a FNLA⁴, iniciando-se assim uma árdua disputa pelo poder caracterizada por um longo percurso na história marcado efetivamente pelas guerras, nessas condições, várias pessoas se deslocaram de Angola para outros

³ União Nacional para a Independência Total de Angola

⁴ Frente Nacional de libertação de Angola

países, como Portugal e Brasil, as consequências foram terríveis, pois o país perdeu uma parcela considerável de intelectuais, mão-de-obra qualificada acentuando-se assim, vários problemas econômicos e sociais. (Cf.GRANJA, 2009).

Os problemas agravaram-se com as guerras civis, que provocaram divergências ideológicas entre os grupos étnicos. Como consequência de tais divergências, ocorreu o aumento da população nos musseques (periferias das cidades), crescente violência, execuções constantes, crescimento da fome e da miséria, além da implantação de minas terrestres permanentes em solo angolano, que provocam mutilações até os dias de hoje.

Com a independência de Angola Agostinho Neto torna-se Presidente do país, após a sua morte em 1979, quem assume a presidência é José Eduardo dos Santos que governa por quase trinta anos sem nunca ter sido eleito realmente. Um acordo de paz foi assinado pelo governo do MPLA e pela guerrilha da Unita e ainda convocam as eleições, para que sejam realizadas em setembro de 1992. As eleições aconteceram e José Eduardo dos Santos vence logo no primeiro turno, no entanto, Jonas Savimbi, seu concorrente, o acusa de fraudar o resultado. O segundo turno não acontece, recomeçando a guerra. Os EUA, como financiador desses movimentos, reconhecem o governo do MPLA e deixam de apoiar à Unita, enfraquecendo assim, o movimento. O governo da MPLA recebia investimentos do governo Soviético, mas com o colapso desse bloco o governo torna-se ainda mais autoritário, mas pluripartidário.

Os romances *Milagrário Pessoa*, *Mulheres de meu pai* e *Nação Crioula* se inserem nesse painel histórico-social como uma escrita que se fundamenta em uma interação entre o presente e o passado marcados por diversos acontecimentos que fazem parte da construção da nação. Nesse sentido, esses romances colaboram para a afirmação de uma identidade diversificada, respeitando a abrangência cultural do povo angolano.

Agualusa apresenta uma literatura independente que busca a construção identitária por meio da valorização da memória. Ressaltando ainda a identidade angolana como algo fragmentado, que foi construída a partir do contato com culturas diversas e entre elas destaca-se a cultura do colonizador.

O trabalho está dividido em três capítulos, nos quais buscamos relacionar as obras em estudo, por meio de uma análise comparativa, que visa identificar os aspectos identitários em comum nos romances. O primeiro capítulo trará a biografia

do autor como sendo a propulsora de seus romances. Apresentará uma síntese das obras em estudo, como meio para entendermos melhor o processo de construção identitária que se estabelece nos romances. A fundamentação teórica será baseada nos estudos de Hall (2005), Granja (2009), Sant'Anna (2003), Hutcheon (2000), que proporcionam uma melhor análise da utilização da ironia do escritor angolano, que critica, de uma forma efetiva, os processos ocorridos entre Angola – Brasil – Portugal, não com intuito de procurar uma solução para os problemas sociais, mas com o objetivo de identificar a miscigenação ocorrida a partir das trocas culturais entre esses países.

No segundo capítulo, será enfatizado o papel da Língua Portuguesa como meio de desenvolvimento intelectual e como elemento importante na luta pela independência de Angola e as influências que possibilitaram os portugueses a se deixarem colonizar pelos países que eram submissos a Portugal. A fundamentação teórica será baseada nos estudos de Santos (2001), Hull (2011), Bakhtin (1998), Macedo e Chaves (2007), Padilha (2002), Marques (2005), Lourenço (1999), Jorge (2000), Carvalho (1995), Bezerra (2011). Sendo ressaltada a construção identitária que se estabelece por meio do contato com outras culturas, possibilitando uma autoidentificação e até mesmo a mudança de nacionalidade a partir do que as personagens vão entender como sua pátria. Nesse sentido a identidade não será considerada imutável e a língua Portuguesa será um exemplo desse processo, porque receberá diversas influências que a modificaram, a deixando semelhante às características culturais de seu falantes.

No terceiro capítulo será apresentado a viagem e o deslocamento como meio que possibilita adquirir características multiculturais que influenciam diretamente na personalidade das personagens. A relação entre: Angola – Brasil – Portugal será analisada com o objetivo de verificar os aspectos multiculturais que existem entre os mesmos. A fundamentação teórica será baseada nos estudos de Andrade (1975) e Bezerra (2011), na perspectiva de uma análise comparativa entre as obras em estudo, buscando enfatizar os elementos que correspondem à construção da angolanidade e a identificação das personagens com novos costumes e culturas que diferem de sua nacionalidade.

1 FICÇÃO E REALIDADE: UM PROPÓSITO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

1.1 José Eduardo Agualusa: um autor pós-moderno

O angolano José Eduardo Agualusa nasceu em 1960 na cidade de Huambo, é considerado um autor contemporâneo de Língua portuguesa por possuir um discurso literário constituído pela pluralidade cultural que está ligada diretamente a sua biografia. A sua obra carrega experiências das suas constantes viagens e a sua perspectiva sociocultural, logo que suas experiências estão ligadas diretamente com a história de Angola marcada pelos processos de colonização, movimentos em favor da independência, guerra civil e as consequências do país no pós-guerra.

A obra de Agualusa é o reflexo das situações vivenciadas e conhecidas historicamente pelo escritor. A característica marcante de sua obra está ligada diretamente com os aspectos angolanos que não representam uma perspectiva de algo integral, unificado, e sim como um projeto em constantes mudanças, que sofre influências diversas de outros países. Nessa perspectiva, Sofia Granja nos afirma:

(...) Elementos de suma importância para o projeto de construção da nação angolana, como fronteiras, histórias, tradição, raça, etc., são colocados à prova no discurso proposto por Agualusa. Se as gerações anteriores, e mesmo as atuais, ainda buscam a firmação de uma identidade de essência angolana, que possa apaziguar toda a diversidade cultural existente em Angola, para poder retomar o sonho de construção da nação, Agualusa se pergunta, e nos pergunta: o que é identidade, o que é ser angolano, português, Goês, brasileiro? (AGUALUSA, 2009, p.22)

As personagens compartilham histórias vivenciadas pelo próprio autor, como exemplos, podemos citar: a nacionalidade de Agualusa que optou por ser angolano, já que nascer em Angola durante o período colonial tornava-o verdadeiramente cidadão de Portugal. Algumas das personagens dos romances são levadas, muitas vezes, para uma nacionalidade totalmente diferente da sua origem, ou seja, a construção social faz parte do resultado e do sentido atribuído à identidade do lugar. No entanto o conceito de identidade nacional é algo que pode ser modificado e

articulado segundo os interesses dos indivíduos, que, em certos momentos, decidem optar por uma nacionalidade diferente da que lhe foi atribuída ao nascimento.

A ficção é desenvolvida ao passo que o presente e o passado conversam entre si, sendo visitada constantemente a história de Angola ligando-a Portugal e ao Brasil que possuem suas histórias entrelaçadas. A produção literária construída por Agualusa reflete a pluralidade cultural resultante dessa relação cultural dos países lusófonos, marcados por diferenças etimológicas que contribuem para a construção de uma nova identidade, pode-se dizer que tal abordagem deriva do ponto de vista construído por Stuart Hall quando afirma que “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2005, p. 104).

Sintetizar as obras abordadas é um procedimento que visa evidenciar a estrutura literária desenvolvida por Agualusa, permitindo um contato direto com a articulação do pensamento do autor que se estabelece em meio a um percurso histórico e social que é composto por várias influências, necessitando do percurso histórico para se estabelecer, mas sem torna-se absoluto. Nesse sentido, esse discurso se coaduna ao que Stuart Hall coloca sobre “a identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”. (HALL, 2004, p. 104).

Nação crioula corresponde a uma narrativa inspirada nas cartas de Carlos Fradique Mendes personagem criada por Eça de Queiroz. Agualusa reconta a história de Carlos Fradique Mendes, personagem aventureiro que conta a realidade vivenciada através de cartas enviadas à sua madrinha, Madame de Jouarre, à sua amada, Ana Olímpia Vaz de Caminha e ao seu amigo Eça de Queirós.

Publicada em 1997, a narrativa *Nação crioula* retrata o tráfico negreiro e o movimento abolicionista do final do XIX, sem deixar de fazer referência à religiosidade e a cultura africana, que não se perdem, mesmo em meio aos sofrimentos advindos da escravidão, também são retratados alguns personagens da literatura brasileira como os escritores Gregório de Matos, Gonçalves Dias, José do Patrocínio e Luís Gama.

Toda a trama ocorre entre os períodos de maio de 1868 a agosto de 1900. Os termos expressos nas cartas se caracterizam pela passagem da personagem por três continentes, eventos de característica pessoal e pensamentos críticos estabelecidos em meio aos problemas do tráfico negreiro, sendo este um dos temas

relevantes da obra, pois além de serem retratados castigos, doenças e desrespeito com os escravos, enfatiza-se uma contradição fundamentada no casamento de uma escrava com um comerciante de escravos. Ana Olímpia nascera escrava, porém torna-se dona de escravos, mas por conta de questões burocráticas ocorridas após o falecimento de seu marido, volta a assumir a sua condição anterior de escrava.

(...) Finalmente alguém se lembrou de que Victorio não chegara a alforriar Ana Olímpia, e sendo assim esta era ainda escrava, e logo propriedade de herdeiros mais próximos, como a restante escravaria, edifícios, quintais, arrimos e engenhos que o comerciante deixou. Nem um generoso decreto do Marques de Sá da Bandeira, que há oito anos determinou a abolição da escravatura em todas as colónias e a passagem dos escravos à condição de libertos, serviu de defesa a Ana Olímpia, considerando o tribunal que exatamente por ser liberta (!) devia ela prestar serviço ao seu senhor por mais seis anos, só então alcançando a condição de mulher livre. (AGUALUSA, 2008, p. 52).

O narrador destaca a partir das cartas as emoções diversas e esperanças pessoais da personagem principal Carlos Fradique Mendes que em meio aos seus relatos, critica os problemas mais agudos da sociedade angolana e brasileira e conseqüentemente o domínio dos respectivos governos.

Nação Crioula é um romance ficcional que tem como protagonista da história de amor Fradique e Ana Olímpia que, para fugir de seus perseguidores viajam para o Brasil, no que se dizia o último navio negreiro da época.

Nessa perspectiva, a referência sobre a construção cultural desenvolvida pelo escritor como uma literatura engajada, as questões raciais, não se prende a um nacionalismo cego, mas constrói uma interação entre o contexto histórico da escravização dos negros e a presença de sua cultura. Nesse sentido os negros vítimas dos covardes castigos não se tornavam passivos diante da realidade, pois buscavam sempre a liberdade.

Milagrário Pessoal de Agualusa corresponde à jovem literatura angolana, nesse romance toda a história é centrada diretamente na evolução da Língua Portuguesa um patrimônio cultural que interliga as nações falantes da mesma língua. As palavras são objeto de reflexão e motivam as ações realizadas pelas personagens no decorrer da trama, assim caracterizando a identidade dos indivíduos e a formação cultural da nação a qual pertence.

O livro conta a história de um professor de oitenta anos, que possui um diário intitulado milagrário pessoal no qual escreve os fatos ocorridos em seu cotidiano. Lara é sua ex-aluna uma espécie de linguista obcecada por neologismos, seu trabalho é recolhê-los e selecioná-los de jornais diários. O conflito marcante da história acontece a partir do momento no qual Lara começa a observar a relevante disseminação de uma variedade de neologismos, recorrendo então ao seu antigo professor para que a auxilie a descobrir a origem dos neologismos. Dessa forma o leitor é levado a viajar pelo contexto histórico e social do qual a Língua Portuguesa faz parte.

A língua portuguesa ganha forma e se modifica a partir da interação entre homens, culturas, textos e assim se reconstrói ao longo dos tempos e dos diferentes lugares, sinalizando novas aprendizagens por meio da convivência e das trocas de conhecimentos. A interação cultural se faz presente na obra de José Eduardo Agualusa, auxiliando a compor o cenário de tramas que se estabelecem a partir dos neologismos da Língua Portuguesa. Já no subtítulo, tem-se o tema da obra “Apologia das varandas, dos quintais e da língua portuguesa, seguida de uma breve refutação da morte”. Tais elementos apontam para o fato das sociedades serem interligadas.

A narrativa inicia-se com um conto tradicional “ovimbundo”, extraído do livro *Seleção de contos, provérbios e avinhas em umbundo*, de Jeremias Capitano, que inicia uma das muitas polêmicas teses do narrador e também personagem principal: “os homens aprenderam a falar com os pássaros”, tese defendida na seguinte passagem:

No princípio os homens não falavam. Nenhum animal falava, exceto os pássaros. Havia um saco com palavras que estava à guarda da Andua. Foi então que apareceu um rapaz com um único braço, uma única perna e só metade da cabeça. O rapaz roubou o saco das palavras, abriu o saco e meteu as palavras à boca. Na manhã seguinte, quando despertou, era uma pessoa inteira, mas metade rapaz e metade rapariga. Além disso, falava, e a sua língua era ágil e harmoniosa como a dos pássaros. (AGUALUSA, 2010, p.11)

A língua dos pássaros se caracteriza como elemento essencial para o desenrolar da trama, pois é a partir dessa hipótese que o professor fala para Lara sobre um manuscrito roubado com palavras retiradas da língua dos pássaros,

criando, assim, a hipótese de que o ladrão poderia distribuir as palavras por meio dos veículos de comunicação.

Agualusa constrói em seu romance não uma superioridade da escrita, mas sim um companheirismo entre escrita e fala à medida que ambas desenvolvem-se conjuntamente. A narrativa é construída com recursos da oralidade permitindo o narrador conversar com o leitor como identificado no seguinte trecho:

Compreende? A minha imaginação é tão fértil quanto a de um adolescente. As pessoas começam a definharem pela imaginação. Algumas já nasceram quase mortas, ou mortas de todo, mas a tal ponto carecem de imaginação que nem dão por isso e insistem em respirar como se estivessem vivas. A mim, pelo contrário, possui-me, sem jamais esmorecer, uma imaginação furiosa. Desperta-me o coração e arrebatá-o. Acende-me e alteia-me a carne murcha. Não me deixa morrer. . (AGUALUSA, 2010, p.80)

Em *As mulheres do meu pai* Agualusa traz uma narrativa ficcional que é espelhada na viagem feita pelo próprio escrito de Angola a Moçambique com objetivo de colher material para um filme sobre a música africana e sobre a situação das mulheres no sul da África, sendo acompanhado pela cineasta Karen Boswall e pelo fotógrafo Jordi Burch. Viagem essa que o inspira a construção desse romance, tendo como personagem central Laurentina, que, após a morte de sua mãe em Portugal viaja para o território africano com o intuito de conhecer Faustino Manso, quem acredita ser seu pai biológico. A jovem convence o namorado Mandume a lhe acompanhar na viagem, no entanto, este não desejava ir, por não gostar de África, mesmo sendo filho de um casal Angolano e afirma:

(...) Nunca gostei de África. Vi como África destruiu os meus pais. Li alguns dos livros que eles guardam no escritório, isso a que alguns chamam literatura angolana: *A vitória é certa camarada! A poesia é uma arma, sábado vermelho*, panfletos políticos, escritores o mais das vezes, com os pés.(...) (AGUALUSA, 2012, p.28, grifo do autor)

Laurentina tenta reconstruir ao longo de sua viagem a história do seu suposto pai, o músico já falecido Faustino Manso, que possui uma história bem peculiar ao deixar entre Angola e Moçambique sete viúvas e dezoito filhos. A

documentarista, ao buscar respostas para suas origens biológicas, não encontra o que esperava.

Durante a leitura somos levados a relacionar a viagem real realizada por Agualusa e a ficção na viagem de Laurentina, havendo o registro de vários lugares e críticas ao abandono de alguns pontos turísticos, além de efetivas discussões sobre a civilização, o comunismo, a mestiçagem, a relação do racismo e do *Apartheid*, ganham destaque na narrativa, além de comentários acerca de músicos, pintores, fotógrafos e poetas, sejam eles angolanos, sul-africanos ou moçambicanos.

Os três romances selecionados de Agualusa tem como tema central a busca pela identidade e a valorização da memória com críticas sociais através da utilização da ironia que atravessam a sociedade escravocrata do século XIX, descrita pela personagem Fradique Mendes em *Nação Crioula* à atual sociedade angolana contada em *As mulheres do meu pai*.

1.2 A ironia como força motriz das narrativas

A ironia se faz presente na obra de Agualusa exercendo um papel importante na construção da narrativa, além da crítica social como elemento essencial para a formação da interação com o leitor. Os textos apresentam uma relação direta com a sociedade, tanto a construída no passado como a vivenciada no presente, refletindo as necessidades sociais as relacionando com os países lusófonos como Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. No romance *Nação crioula*, o autor recebe influência efetiva de Eça de Queiros, conhecido especialmente pela habilidade ao usar a ironia, segundo Agualusa este é a sua primeira referência literária. Hutcheon traz a relação entre ironista e interpretador para fortalecer o entendimento da ironia nos romances de Agualusa.

Os principais participantes do jogo da ironia são, é verdade, o interpretado e o ironista. O interpretador pode ser – ou – não – o destinatário visando na locução do ironista, mas ele ou ela (por definição) é aquele que atribui a ironia e então a interpreta: em outras palavras, aquele que decide se a elocução é irônica (ou não) é, então, qual sentido irônico particular ela pode ter. esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista (e me faz me perguntar

quem deveria ser designado como o “ironista”) (HUTCHEON, 2000, P.28)

Fradique Mendes, personagem emprestado de Eça de Queiroz, é extremamente irônico e não poupa críticas ao governo português e ao sistema instituído por eles em Angola e no Brasil, ou seja, a colônia. Fradique é considerado um homem a frente de seu tempo por possuir pensamentos próprios e não se deixar levar pela ideia de colonizador, as impressões e suas experiências vividas em Angola são descritas em cartas enviadas a sua madrinha e ao próprio Eça. As cartas mostram o quanto à ironia abre possibilidades para que a ficção construa uma crítica contundente com a realidade histórica, proporcionando ao leitor o conhecimento do não dito, assim como descrito abaixo:

(...) Qualquer ruído, mesmo o pequeno rumor de um pequeno artigo na revista de Portugal, e corremos o risco de que a Inglaterra descubra que no território português da Zambézia não há Portugueses – e lá ficaremos nós sem a Zambézia!

[...]

O que é que nós colonizámos? O Brasil, dir-me-ás tu. Nem isso. Colonizámos o Brasil com os escravos que fomos buscar a África, fizemos filhos com eles, e depois o Brasil colonizou-se a si próprio. Ao longo de quatro demorados séculos construímos um império, será necessário muito mais do que a nossa consoladora fantasia de meridionais.

[...]

Para construir uma África portuguesa seria necessário que Portugal se fizesse africano. Atrever-me-ai a sugerir, como primeira e urgente medida, que se mudasse para Luanda a capital do Reino, naturalmente, os papéis de Belém. Numa segunda fase seria necessário mudar também os Portugueses, inclusive os virtuosos e os trabalhadores, transferindo para Portugal os criminosos a cumprir pena de degredo em Angola e Moçambique. Portugal, território pequeno e nessa altura já quase despovoado, poderia então, sem prejuízo, ser governado por um qualquer empacaceiro em comissão de serviço. (AGUALUSA, 2008, p. 131-133)

Nessa perspectiva, é notável que o expansionismo realizado por Portugal durante séculos, sendo motivo de grande orgulho para o império, não passou de uma colonização desestruturada, como é retratado pelo narrador em seu discurso, desmascarando, assim, a superioridade e a grandeza que não existiam.

Em *Milagrário Pessoal* as críticas irônicas são feitas pelo narrador do romance, um professor octogenário que além de tecer críticas aos portugueses e

angolanos, ironiza a imagem exportada da mulher brasileira e de sua “bunda” que a diferencia de qualquer outra mulher do mundo: “Reparei nela porque tinha cara de brasileira, mas não mexia a bunda como uma brasileira. Isso me deixou intrigado” (AGUALUSA, 2010, p. 103). Questões relativas aos portugueses no período da colonização brasileira são retomadas na passagem abaixo, como também às guerras de libertação em Angola.

Nenhuma guerra liberta, insurgi-me. A violência aprisiona os seus perpetradores num ciclo de ódio. Não foi por acaso que todas as antigas colónias onde houve guerras ditas de libertação mergulharam após as independências em novas guerras. Os países que alcançaram a independência através de processos negociados conseguiram, pelo contrário, manter-se em paz. No caso de Angola, aquilo que nós chamamos guerra de libertação, e os portugueses guerra colonial, começou por ser um massacre, organizado pela União dos Povos de Angola, UPA, um movimento bancongolo, que nada tinha de progressista, contra os fazendeiros portugueses, as respectivas famílias e os trabalhadores ovimbundos. A bem dizer, que já era uma guerra durante catorze anos, até à Revolução dos Cravos, os guerrilheiros do MPLA combateram tanto os da UPA e os da UNITA quanto os soldados portugueses. Por outro lado, a partir de uma certa altura, a tropa colonial começou a incorporar angolanos. Milhares de angolanos. Quem está hoje à frente do exército governamental? Generais que combateram na época colonial ao lado dos portugueses. (AGUALUSA, 2010, p. 191).

O fio condutor do enredo em *As mulheres do meu pai* se caracteriza por ser extremamente irônico, logo que narra à viagem de Laurentina a Angola no intuito de descobrir suas origens. A viagem em busca da identidade acontece em várias cidades de Angola, África do Sul e Moçambique, conhecendo as várias mulheres e os numerosos filhos deixados pelo seu suposto pai. Faustino Manso, para a surpresa de Laurentina e dos leitores, era estéril, com isso, entendemos que, de certa forma, aquele homem dominador que conquistou várias mulheres e decepcionou muitas delas foi também enganado pelas mesmas.

Laurentina descobre que a sua nova origem revelada como verdadeira é falsa e que a sua origem anterior julgada como falsa é verdadeira. No final do romance, descobre que Dário seu pai adotivo, é, de fato seu pai biológico não tendo parentesco nenhum com Faustino Manso. O que acontece nesse enredo é a desconstrução dos mitos fundadores, nesse sentido segundo Sant’anna “é um efeito de deslocamento” (SANT’ANNA, 2003, p.28), que provoca duplicidade de sentidos,

tornando-se contrário, ou seja, aquilo que se entende por verdadeiro passa a ser falso, e logo em seguida retoma sua posição como verdadeiro.

2 A MULTIPLICIDADE CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

2.1 O papel da Língua Portuguesa na construção da nação angolana

O mundo é formado por fronteiras difusas possibilitando o cruzamento de diferentes culturas, tornando questionável a preservação da identidade cultural como algo imutável. Porém, a identidade cultural se encontra em constante transformação tornando-se algo inacabado, já a identidade nacional é caracterizada como sólida. No entanto as constantes modificações que o correm pela incorporação de novos elementos, possibilitam o desenvolvimento de um processo de nova estruturação cultural assim como cita Santos:

[...] não são rígidas nem, muito menos imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (SANTOS, 2001, p.135)

É importante considerar que as identidades nacionais não nascem nos seres humanos como heranças genéricas, e nem as pessoas são seres passivos de uma nação, ou seja, eles participam da ideia de nação e são os representantes da sua cultura, a transformando a partir da interação com outras culturas, logo que esse indivíduo inserido, no mundo é produtor de cultura e responsável pela configuração da história de sua época.

Segundo Hull (2011, p.11), “o mais importante símbolo nacional é, sem dúvida, a língua. As dúvidas acerca da língua oficial envolvem também importantes

questões acerca da identidade nacional”, nesse propósito, nossa análise se volta para a identificação ideológica da Língua Portuguesa como código importante para a constituição identitária feita no romance *Milagrário pessoal* do angolano José Eduardo Agualusa, ressaltando a utilização dos vocábulos da nossa língua como objeto de reflexão e estimulação das ações das personagens, identificando a língua como forma de poder a partir das suas múltiplas potencialidades, sejam elas no campo cultural, oral ou na escrita. Nesse sentido Bakhtin afirma:

A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda uma estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. E é graças a esse plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. (BAKHTIN, 1998, p. 74).

O plano cultural construído na obra é fundamentado no poder social da fala, identificando-a como precedente a escrita, revelando uma supremacia entre uma e outra, mas também enfatizando uma relação de significados entre ambas. Usando contos, provérbios de característica Popular para integrar o oral e o escrito, fazendo com que o falante torne-se sujeito de uma nova história assim como borda Mcedo e Chaves:

Ou seja, no momento em que há a consciência de construção de um novo momento no qual o colonizado torna-se o sujeito de sua própria história, a cultura toma novos rumos e um deles é buscar na oralidade as formas de superação dos impasses. Para tal, expõe no corpo dos textos a matéria híbrida de que se constitui e, então, a fala se torna escrita. E a escrita a fala ritualizada no papel. (MACEDO e CHAVES, 2007, p. 26)

Angolanos e portugueses são alvos de críticas expressas pela personagem principal, que os percebe como propensos a avaliações, pela forma como usam as palavras “Não custa atribuir a obstinada melancolia dos portugueses ao uso desregrado da palavra saudade, no fado, na poesia, no discurso dos filósofos e dos políticos” (AGUALUSA, 2010, p. 73). No entanto, a obra nos apresenta a evolução

da Língua Portuguesa, embora seja originária do latim ela recebeu vários empréstimos linguísticos adquiridos pela mesma como fator cultural importante para a construção identitária de uma nação e como próprio processo de construção da língua.

(...) Seja como for, as línguas desenvolvem-se, evoluem, alimentando-se de outras. A língua portuguesa, em particular, recolheu palavras do mundo inteiro. Garoto, por exemplo, vem do francês *gars*: branco, do germânico *blank*, que também significa brilhante ou limpo. Carimbo, do quimbundo *ka'rima*; bule, do malaio buli; leque, do chinês *lieukhieu*; jangada veio de changadam, uma palavra do malaiala de Malabar, na Índia etc. Os anglicismos que o senhor tanto recebe são apenas uma contribuição mais. (AGUALUSA, 2010, p 105-106, grifo do autor)

O romance apresenta uma intertextualidade com o folclore brasileiro, ao trazer como personagem a jovem Iara, apaixonada pela Língua Portuguesa, no entanto a lenda brasileira apresenta uma sereia que encanta os homens com seu canto os levando para o fundo dos rios. Na narrativa de Agualusa é o professor que irá seduzir a jovem, utilizando-se da língua como artifício para conseguir sua atenção.

O autor apropria-se da lenda a modificando, assemelhando-se com a forma oral de se contar uma história. Com isso é notável que as marcas da oralidade somem elementos distintivos da literatura angolana, assim Agualusa insere em seus textos esses elementos da literatura angolana e também textos tradicionais de outros povos do continente africano os envolvendo com a característica oral, com isso nos mostra a sua visão de mundo e de saberes que ultrapassam as fronteiras.

Nessa perspectiva, oralidade e escrita são misturadas com os saberes tradicionais da oralidade de outros povos. A oralidade torna-se propulsora das transformações que ocorrem na escrita, sendo importante considerar o tradicional como elemento da memória e acervo indispensável do passado como elementos que se inserem no processo de constante evolução da língua.

Ao assumir-se como sujeito da nova oração histórica, o angolano não deseja a solidão cultural ou mesmo propor uma impossível volta às origens. A partir mesmo do fato de que a forma de expressão vai permanecer, em boa parte do território nacional, sendo o português, já se pode ter um indicador da força da herança recebida, o que não

se deve confundir com aceitação passiva dessa mesma força (PADILHA, 2002, p. 51).

A força que a Língua Portuguesa possui, mesmo sendo herança dos portugueses, é refletida, quando se torna meio para propagação das ideias a favor da independência, na perspectiva de atingir um número maior de pessoas que combinem com o mesmo ideal, deixando de ser, nesse sentido, um veículo de repressão como quando era imposta, tornando-se meio de resistência.

Naqueles anos de isolamento, com as cidades e o campo controlados pelas tropas indonésias, as rádios a transmitirem discurso em bahasa, a bandeira vermelha e branca (a Bendera Merah Puti) hasteada em todos os edifícios públicos, ouvir alguém declamar em português exigia coragem, era um ato de resistência e insubmissão. Fadário lembrou-se de fotocopiar os sonetos de Camões e antes de cada leitura distribuía os papéis pela assistência. Aqueles que sabiam ler acompanhavam os versos num murmúrio, como se rezassem, e alguns ficaram a sabe-los de cor, que é como que diz, através do coração. No término das sessões, as pessoas abraçavam-se a chorar.(Aqualusa, 2010, p. 91)

Em *Mulheres do meu Pai*, também encontramos a força da Língua Portuguesa na luta pela independência.

“(…) Começou a confusão. Estou neste momento a ouvir o rádio Clube de Moçambique. Uma voz de mulher pede à população de Nampula para se reunir em freta do governo. este movimento espontâneo está triunfante por todo o lado’, diz a mulher. Agora é um tal comandante Roxo que fala: ‘Atenção Niassa, atenção Reserva de Intervenção e gê-és, é o vosso comandante Roxo que vos fala, daqui de Lourenço Marques Marque, estejam prontos a atuar se necessário. (...) (AGUALUSA, 2010, p. 326)

Em *Nação Crioula*, a Língua Portuguesa torna-se um meio de divulgação do retrato da colonização portuguesa em África. A personagem Eça de Queiroz convida Fradique Mendes a escrever para sua revista, no entanto esse responde ironicamente, que não aceita justamente porque os portugueses iriam odiar ter os seus problemas de colonização divulgados. Com isso o país passava a correr o risco de perder o tão extenso continente. Dessa forma não devemos entender que a personagem é um nacionalista e sim alguém que não é de acordo com as decisões tomadas pelo regime implantado por Portugal.

A minha resposta é não. Não, não posso escrever para a tua revista um artigo sobre <<A Situação Actual de Portugal em África>>. E muito rapidamente, porque já te vejo irado a puxar da pistola, explico porquê.

Receio, meu bom amigo, não ser do interesse de Portugal que o mundo conheça a presente situação das nossas colónias. Nós, Portugueses, estamos em África por esquecimento: esquecimento do nosso governo e esquecimento dos governos das grandes potências.(...) (AGUALUSA, 2008, p.131, grifo do autor)

A língua representa um fator importante na construção da identidade do indivíduo, por ser parte da herança cultural e parte integrante da tradição de uma comunidade. Fixada na escrita ou transmitida oralmente de geração em geração, ela é instrumento de afirmação pessoal coletiva (MARQUES, 2005, p. 605). No caso de Angola, a língua do opressor tornou-se a língua da libertação. Podemos considerar então a língua como um “signo privilegiado de identidade” (LOURENÇO, 1999, p. 121).

Num país em que a diversidade linguística é uma fonte de instabilidade e de confrontações entre as diversas etnias, a existência de uma língua comum, supra-étnica, aparece como um elemento de aglutinação da Nação. Essa língua é o português falado em Angola, nascido, não de uma deformação do português, mas de uma...reinvenção da língua. (JORGE, 2006, p. 09)

Em Angola a Língua Portuguesa foi apropriada individualmente, assim há uma combinação entre o português-padrão e a oralidade do povo angolano, nesse caso, podemos dizer que com essa mistura resulta-se um português angolanizado. Rui Duarte de Carvalho irá nos colocar de formar bem presente na língua Portuguesa instituída em Angola a presença da mestiçagem, que se caracteriza pela influência de outras línguas.

Se é verdade que ao traduzir e adaptar, para a minha língua, fontes da expressão oral africana, eu lhe transferi a marca da minha própria linguagem poética, também é sem dúvida verdade que, ao fazê-lo, eu estaria introduzindo as marcas de um imaginário Outro na própria língua portuguesa. (Carvalho, 1995, p. 75)

José Eduardo Agualusa traz constantemente em sua produção essa diversidade da língua e a sua origem. O romance *Milagrário pessoal* é ideal para

exemplificar essa perspectiva, logo que traz uma tese que explica a origem da Língua Portuguesa a partir da língua dos Pássaros, temática essa que move a obra, por meio da valorização da oralidade, incorporado na obra com um provérbio ovimbundo logo no início do livro. Entretanto, Agualusa mantém um diálogo cultural entre Angola, Portugal e Brasil, defendendo um diálogo lusófono, fazendo com que haja uma complementação em seus romances do Português, da sua variante brasileira e do quimbundo, caracterizando, assim, a Língua Portuguesa como um elemento que serve de ponte para as relações entre os três continentes, envolvendo os povos e suas culturas, aproximando os falantes de sua língua oficial que se enriquece a partir da interação cultural.

2.2 O Colonizador colonizado e relação de poder

O processo de colonização que ocorreu em África apresenta características que refletem condições do modo de conquista e a forma política de ocupação do território, mas também a forma de aceitação e as reações dos povos nativos à presença dos colonizadores. Nesse sentido, ressaltamos o contexto histórico que nos faz entender a relação de construção identitária estabelecida entre os portugueses “colonizadores” e os africanos “colonizados”.

Alguns portugueses que chegaram a Angola durante o período colonial, com a missão de colonizar e de enriquecer, não conseguiram atingir tal meta, com isso, também não conseguiram morar onde pensavam que tinham direito, no centro de Luanda, na cidade dos brancos. Nesse contexto, as famílias dos colonos pobres, que se deparam com a realidade adversa daquilo que almejavam se deslocam para os musseques, lugar onde ficava a população pobre angolana, passando a partilhar com seus vizinhos angolanos, não só o espaço, mas também a sua identidade.

Penso naquele cavaleiro como sendo Portugal montado em África.
Montado, não, depositado. A nossa presença em África não obedece a um princípio, a uma ideia, e nem parece ter outro fim que não seja o saque dos africanos. Depositados em África os infelizes colonos portugueses tentam em primeiro lugar manter-se na sela, isto é, vivos e roubando, pouco lhes importando o destino que o continente leva. E Portugal, tendo-os depositado, nunca mais se lembra deles.

Uns tantos, assim esquecidos, depressa perdem a memória da pátria e em pouco tempo se cafricanizam. Esses são os mais felizes. Entranham-se pelo mato (“Deus é grande”, costumam dizer, “mas o mato é maior”) e assim como trocam as calças e as camisas por mantas de couro, da mesma forma abandonam a língua portuguesa, ou usam-na em farrapos, de mistura aos sonoros idiomas de África. (AGUALUSA, 2008, p. 132)

O personagem Fradique Mendes critica a colonização portuguesa acerca de sua desestruturação enquanto colônia. No entanto, a relação estabelecida entre colonizador e colonizado, passa a ser uma relação de troca, ou seja, o intuito de expandir a cultura europeia é o objetivo de Portugal. Os africanos possuem cultura própria e, com isso, tentaram resistir as imposições feitas pela colônia, não tiveram um êxito absoluto por conta da opressão que sofriam, mas a nova identidade, que passou a ser construída durante e após o período colonial, recebeu influências, tanto africanas como europeias, fazendo com que os próprios portugueses ganhassem uma nova identidade, a partir da absorção de alguns elementos da cultura africana.

Desgraçadamente Portugal espalha-se, não coloniza. Somos assim, enquanto nação, uma forma mais rudimentar que o Bacilo de Koch: uma estranha perversão faz com que os Portugueses onde quer que cheguem, e temos chegado bastante longe, não só esqueçam a sua missão civilizadora, isto é, colonizadora, mas depressa se deixem eles próprios colonizar, isto é, descivilizar pelos povos locais (AGUALUSA, 2008, p. 134)

Nesse sentido, observamos que as relações estabelecidas entre colonizador e colonizado influenciam diretamente em sua identidade como na identidade de seus descendentes, porque “a cultura do colonizador vai infiltrando-se nos meandros da sociedade conquistada”(BEZERRA, 2011,p. 02) e, conseqüentemente, vai sendo modificada recebendo elementos da cultura do colonizado.

3 VIAGEM E ESPAÇO IDENTITÁRIO

3.1 Viagem e deslocamento: perspectiva de valorização de espaços

Os livros *As mulheres do meu pai*, *Milagrário pessoal* e *Nação crioula* adquirem características multiculturais a partir das viagens feitas pelas personagens. Esse elemento construído na narrativa é uma das características do próprio Agualusa, este que é um escritor viajante, por constar em sua biografia viagens por diversos países. Nesse sentido, vivencia diversas situações que o faz questionar a perspectiva de identidade nacional. Esse autor busca construir em seus textos uma ideia de que a formação cultural de um país será construída a partir da vivência com outras culturas. Com isso, os nacionalistas são colocados em questão.

Agualusa insere suas personagens em viagens por Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Namíbia e África do Sul. Nessas viagens as personagens sempre estão em busca de suas identidades, seja ela advinda de respostas sobre a origem da Língua Portuguesa, como acontece em *Milagrário pessoal*, ou através das críticas feitas por Fradique Mendes, em *Nação crioula* ao regime colonial.

Nesse contexto, as cidades visitadas são comparadas e questões relativas à sua beleza e as suas características são ressaltadas, sempre no intuito de se fazer uma ponte que ligue os principais países que marcaram um a história do outro ao longo dos anos, sendo eles: Portugal, Brasil e Angola.

As personagens do Romance *Milagrário pessoal* são movidos pela busca do responsável que distribuiu a língua dos pássaros ocasionando a origem dos neologismos, a fazerem uma viagem em direção ao Brasil mais precisamente a cidade de Olinda. Com essa oportunidade, descrevem as características das ruas por onde passam e o lugar onde estão hospedados e ainda valorizam os artistas pernambucanos.

Um táxi deixou-nos em Olinda, diante da Pousada do Amparo, na rua do mesmo nome. A pousada fora-me recomendada por um amigo, um escritor do meu país, que me falou do encanto rústico do antigo casarão e do amplo e fundo quintal cantante de pássaros. Alertou-me

para os mosquitos, ao entardecer: “Não te deixes ficar no quintal a escrever, a ler, depois que o sol se for. Os mosquitos comem te vivo.”

[...]

Escolhi pra mim um quarto chamado Fortim, com uma varanda aberta as rua tortas da cidade. agrandam-me as varandas: gosto de contemplar. Além disso, varandas são lugares propícios a brisas, um frescor se aloja em seu lajedo, juntamente com remotas vozes, latidos ao longe, o repicar de sinos. Grilos encantam varandas. Com sorte, pirilampos as iluminam ao entardecer. Pensadouros – assim as chamava meu pai. Aprendi com ele a amá-la, bem como a alpendres, miradouros, lugares elevados de uma forma geral.

[...]

(...) Era sábado, os pássaros ainda dormitavam nas ramadas. Mangueiras espreguiçavam-se nos quintais. Os Cachorros vagueavam-se perplexos. Cheiravam os muros. Cheiravam-se uns aos outros fomos descendo a calçada, detendo-nos aqui e ali para espreitar através das portas, das janelas abertas de par em par, as telas expostas nas paredes, as pequenas esculturas de madeira e cerâmica, os famosos bonecos gigantes, confeccionados em papel machê, com que os foliões se passeiam pelas ruas nas tardes de carnaval. Em Olinda há mais artistas plásticos por metro quadrado do que pombos nas praças de Lisboa. (AGUALUSA, 2010, p. 79-99)

Fradique Mendes, em uma carta escrita para sua madrinha Madame de Jouarre, conta como acontece o por do sol no Brasil, mas precisamente, na cidade de Olinda, onde está hospedado com Ana Olímpia, em uma propriedade de Arcênio de Carpo.

O crepúsculo me surpreendeu-me enquanto preparava esta carta, sentado a uma mesa de pedra, nos jardins de um belíssimo palacete colonial (propriedade de Arcênio de Carpo) onde nos encontramos instalados. As tardes aqui morrem bruscamente, violentamente, num largo incêndio que se desfaz em cinza e em melancolia. Mas, ao contrário do que acontece na África Ocidental, ao contrário daquilo que eu sempre espero que aconteça, o sol não mergulha no mar – a água escurece, torna-se quase negra, a noite parece emergir do chão. (AGUALUSA, 2008, p. 67)

O Estado do Pernambuco era um dos destinos dos navios negreiros, e é citado no romance como sendo um lugar com cidades exuberantes, mas que é utilizado como desembarque dos escravos para servirem aos fazendeiros da região.

(...) Quis saber o nome daquela região: <<Porto de Galinha>>, esclareceu o comandante. <<É o paraíso.>> Tinha aquele nome porque de todas as vezes que um navio ali descarregava escravos,

corria pelos sertões, entre os fazendeiros, a senha secreta: há galinhas no porto>>. (...) (AGUALUSA, 2008, p. 74, grifo do autor)

O narrador assemelha criticamente o estado brasileiro e a cidade de Luanda, caracterizando-as como possuindo a mesma essência, ou seja, a característica mórbida, que se destaca pela interação entre ricos e o afastamento total dos pobres.

(...) Entretanto limito-me a passear por Olinda e Pernambuco, cidades tão próximas que a primeira constitui praticamente um bairro da segunda. Pernambuco distribui-se por duas ilhas, que os rios Capibaribe, Beberibe e Pina separam do continente. Nas ruas respira-se o mesmo odor melancólico que me surpreendeu em Luanda, um entorpecimento que se transmite das pessoas para as casas, como se toda a população estivesse já morta e a cidade em ruínas. E no entanto há aqui bairros opulentos. Os ricos são odiosamente ricos e ainda mais ricos e odiosos parecem ser por contraste com a extrema miséria do povo. (...) (AGUALUSA, 2008, p. 74)

Esse “odor melancólico” citado por Fradique é um elemento presente nas narrativas de Agualusa como sendo uma marca da cidade de Luanda em Angola, para alguns personagens como Mandume, o cheiro de África é algo ruim, mas para outros personagens é uma marca que caracteriza o continente. Em nação crioula observamos o seguinte comentário feito pelo narrador sobre esse odor.

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirados para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África. (AGUALUSA, 2008, p. 74)

Em *As mulheres do meu pai*, também encontramos a caracterização do cheiro de África, não como algo ruim, mas sim como representação de vida, segundo a opinião de Dário Reis.

- Ah, Moçambique! Foram anos felizes. Às vezes sonho com aquele tempo. Depois acordo e ainda sinto nos lençóis o cheiro de África. Quem não sabe o que é o cheiro de África não sabe a que cheira a vida!... (AGUALUSA, 2012, p. 29)

Temos a visão de Mandume e Laurentina, esta que deseja apreciar o cheiro de África, já Mandume não deseja o mesmo, pois está no país só para acompanhar a namorada que o convenceu a vir mesmo contra a sua própria vontade.

Quando o avião aterrou em Luanda e abriram as portas, parei um instante no cimo das escadas e enchi os pulmões de ar. Queria sentir o cheiro de África. Mandume abanou a cabeça, infeliz:

- Merda de calor!

Enfureci-me:

- Ainda nem pisámos em terra e tu já protestas. Não sabes apreciar as coisas boas?

- Que coisas boas?

- Sei lá, o cheiro, por exemplo. O cheiro de África!

Mandume olhou-me, perplexo:

- O cheiro de África?! Cheira a xixi, caramba!...

Fiquei calada. Cheirava mesmo. (AGUALUSA, 2012, p. 29-30)

Laurentina também descreve a paisagem que vê em África.

(...) A paisagem é lindíssima. Tenho finalmente a sensação de está em África, nos vastos espaços sem arestas de que o meu pai sente tantas saudades, horizonte aberto, terra vermelha, e os gigantescos embondeiros dos cartões postais. (AGUALUSA, 2012, p. 29-30)

Em *Milagrário pessoal*, o professor personagem central da obra, faz uma comparação entre Portugal e Brasil, enfatizando as características do nordeste brasileiro e mais especificamente o estado do Rio Grande do Norte.

(...) Tudo começou numa manhã branca e macia como polpa de anona, em Vila da Barra do Rio Grande, no Nordeste do Brasil, na primeira semana do mês de março de 1995. Eu fugia de Lisboa, em fevereiro, como de costume, para escapar ao frio, à austera, apagada e vil tristeza, e acabara por me demorar um pouco mais do que o previsto sob o sol do sertão nordestino. Estava sentado à varanda de uma pequena pousada, próximo do cais, mergulhado na luz. (AGUALUSA, 2010, p. 143)

Nesse sentido, nota-se que as relações existentes nesses países possibilitaram o desenvolvimento cultural tão rico de diversidades, as personagens dos romances caracterizam, ao seu modo cada experiência nas diferentes cidades visitadas, fazendo com que os leitores possam sentir as mesmas sensações que as personagens sentiram.

3.2 Identidade: uma questão de transitividade

Nos romances de Agualusa a que se detêm essa pesquisa, é verificável que as personagens procuram a afirmação de sua própria identidade, e até mesmo a identidade do outro, evidenciando processos de construção identitária a partir de influências diversas, ressalta-se o percurso histórico da nação para evidenciar a afirmação da angolanidade.

A angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas, abarca e ultrapassa os particularismos das regiões e das etnias, em direção à nação. Ela opõe-se a todas as variantes de oportunismo (com as suas evidentes implicações políticas) que procuram estabelecer uma correspondência automática entre a dose de melanina e a dita autenticidade angolana. Ela é, pelo contrário, linguagem da historicidade de um povo. (ANDRADE, 1975, p. 16-17)

A nação descrita por Agualusa é caracterizada pela mestiçagem e pela relação triangular entre Brasil – Angola – Portugal, relação essa que faz com que a identidade seja concretizada a partir do que as personagens entendem por sua nação. Nesse contexto, as histórias não são um registro dos acontecimentos do passado, mas sim uma forma de compreender os processos ocorridos entre o passado e o presente, com intuito de representar os indivíduos como elementos essenciais para sua autoidentificação como parte de uma nação.

Em *Milagrário pessoal* a construção identitária das personagens é estabelecida a partir da busca pela explicação do surgimento dos neologismos, esse aparecimento é tido como algo que empobrece a língua, mas logo em seguida a personagem Lara entende que a Língua Portuguesa necessita de transformação. Os falantes são os responsáveis pelas transformações ao ponto de integrarem ao português, estrangeirismos tão presentes que passam despercebidos pelos falantes, ao ponto de acharem que tal palavra já está inserida há muito tempo na língua.

(...) A verdade é que os neologismos são quase todos feios. Achosos, de uma forma geral, grosseiros e enfadonhos.

[...]

(...) Pareceram-me também a mim um tanto o quanto tosco, falhos de imaginação, muitos deles torpes, ou tortos e, ademais de limitada serventia. Entre as palavras recém-nascidas, a taxa de mortalidade é

elevada. Muitas padecem de graves defeitos congénitos. São frágeis, mal respiram. Não registem ao duro processo de seleção natural.

[...]

São palavras tão familiares, ou melhores, soam tão familiares, que não parecem neologismos, diz-me lara. As pessoas ouvem-nas, repetem-nas, e ficam convencidas de que sempre as utilizaram.

[...]

Veja. São mais de cem palavras como as anteriores, tão perfeitas, tão ajustadas, tão atuais, que ninguém as acha nova. A gente julga que são da família, que crescemos com elas. A estas descobri-as ontem. Isto não pode continuar!.(AGUALUSA, 2010, p. 17- 24)

O romance *As mulheres do meu pai* apresenta uma transitividade de culturas e de identificação dos indivíduos acerca de sua nacionalidade. Laurentina ao viajar para África, busca encontrar suas raízes africanas diferente de seu namorado Mandume que não se considera africano, mesmo tendo nascido em Angola.

(...) Mandume decidiu ser português. Está no direito. Não creio, porém, que para se ser um bom português tenha de renegar todos os seus ancestrais. Sou certamente uma boa portuguesa, mas também me sinto um pouco indiana; finalmente, vim a Angola procurar o que em mim possa haver de africano (AGUALUSA, 2012, p.25).

Mandume mostra-se resistente as sua origem, a medida que não aceita que não aceita que é angolano esquecendo o país como pátria e tomando Portugal como nova pátria assim como seu pai, que se mostrou totalmente contrário a sua viagem a África. Seguindo esse ponto de vista, Rosilda Bezerra nos explica como a relação com a metrópole modifica a ideia de nacionalidade para Mandume.

Nesse sentido, esta passagem encaixa-se com o fato de Mandume não identificar-se com os outros costumes, porque ele continua ligado as suas relações com a metrópole, afastando-se ainda mais de suas raízes. Enquanto isso, Laurentina integra-se a nova cultura, permite-se a experimentar o que o suposto pai biológico vivera. Sua forma de observar e lidar com o outro é de aproximação e de alteridade e identidade.(BERREZA, 2011, p. 05)

Inicialmente, Mandume renega suas origens africanas a partir da expressão de seu pensamento negativo acerca da cidade de Luanda. Com isso, é notável que esse pensamento remete-se ao oposto do que ele entende por metrópole, sendo justamente esse contraste entre Angola e Portugal que ele deseja intimamente negar como pertence a uma cidade que segundo ele é um somatório de horrores.

Esta cidade é um somatório de horrores: pobreza mais racismo mais estupidez mais ignorância mais conservadorismo mais machismo mais intolerância mais arrogância mais ruído. Muito ruído. Ruído por toda a parte, a todas as horas do dia e da noite. (...) (AGUALUSA, 2012, p.46).

A narrativa, ao percorrer o Continente Africano, também ressalta a literatura africana como brasileira e portuguesa, como também a produção musical africana e brasileira. Esse percurso é entendido como “uma instancia produtora de linguagem” (BEZERRA, 2011, p. 05), isto é, ao recordar a memória nas entrevistas acerca da história de seu suposto pai Faustino Manso, Laurentina sente-se como se tivesse vivido o percurso percorrido por ele naqueles territórios.

Riu-se. A rir a lembra Juliana (o contrário é que está correto, bem sei). Serviu-se novamente de chá. Estendeu-se mais uma fatia de bolo. Naquele momento senti-me pela primeira vez moçambicana, em estreita harmonia com aquela velha casa, e esta cidade onde, ao longo dos séculos, se foram juntando, para o bem e para o mal, árabes, portugueses, indianos, além dos diversos povos africanos que receberam Vasco da Gama, em 1498, quando ele aqui aportou. Dona Ana de Lacerda adivinhou a minha emoção: (AGUALUSA, 2012, p.212).

Durante a viagem, Mandume transita por várias sensações, e uma delas é a busca pela negação de sua origem, por acreditar que África não representa nada em sua vida.

Eu não sou daqui. Eu não sou daqui.
 Repito isto em silêncio ao longo do dia.
 Acho que as pessoas me escutam, escutam o que penso, porque me olham de forma estranha, um pouco de lado, como uma ave avaliando um predador. Alguns perguntam:
 - Não é angolano, pois não?
 Outras não perguntam nada. Digo-lhes na mesma:
 - Sou português!
 A reação varia. Um ou outro sorri:
 - Eu sou do Sporting (AGUALUSA, 2012, p.98).

Diferentemente de Mandume, Fradique Mendes, em *Nação crioula*, que viaja constantemente por vários países sem fixar-se em nenhum, ao chegar em Angola, inteira-se com as pessoas e os costumes em África, passando-se a sentir-se em

casa. Com isso, escreve para sua madrinha fazendo referência a sua nova identidade “Seu afilhado quase africano” (AGUALUSA, 2008, p. 25).

Em *As mulheres do meu pai*, encontramos também personagens que desejam mudar a sua nacionalidade, diferente de Mandume que deseja ser literalmente português, deixando de lado sua origem, e, como exemplo, um estilista português que veio de Lisboa com intuito de ser Angolano.

- Quero ser angolano – informou-me – Sempre quis. Acho que tenho jeito.
Dei-lhe os parabéns pela coragem. Acrescentei que me parece um objetivo “terrivelmente”. Vir para Angola para ser angolano não é o mesmo que ir para Los Angeles disposto a ser um ator famoso. Mais facilmente um tipo consegue torna-se um ator famoso. O rapaz, porém, não esmoreceu, mas os pais, ambos naturais de Angola. Levantou-se e foi dançar Kuduro. (...) (AGUALUSA, 2012, p. 244-245)

As concepções de identidades destacadas anteriormente se caracterizam por serem imutáveis, transitórias e contrárias, se estabelecendo essencialmente por meio da relação social estabelecidas pelos indivíduos. É através dessas relações que os seres se inteiram da cultura do outro, fazendo-se conhecedores cada um da sua realidade, com isso estabelecem significados que lhes projetam para uma autoidentificação, possibilitando construir sua própria identidade. Nesse sentido Ortiz(1996, p.07) afirma que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”. A partir da inserção dos indivíduos em diferentes espaços culturais, os sujeitos recebem influências diversas que alteram, de fato, a sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar três obras de Agualusa com o propósito de discutir as representações de identidade que se configuram nos romances *As mulheres do meu pai*, *Nação Crioula* e *Milagrário pessoal*. Segundo uma concepção comparatista, entendemos a identificação da escrita da angolanidade como algo fragmentado, desmistificando a ideia de que identidade nacional é fixa e imutável.

Em *As mulheres do meu pai*, a ideia de identidade é construída a partir do resgate da memória, se caracterizando pela variedade de opiniões que buscam desvendar os anseios do homem e as suas verdades. A narrativa se estabelece a partir da construção de uma mentira que é tida inicialmente como verdade. Laurentina, ao pensar que tudo que já tinha vivido era uma mentira, questiona ao pai, supostamente adotivo, no início do romance: “- De quantas verdades se faz uma mentira?” Dário Reis lhe responde: “Muitas, Laurentina, muitas! Uma mentira, para que funcione, há-de ser composta por muitas verdades.” (AGUALUSA, 2012, p.17). Ao final da narrativa, Laurentina não tem mais questionamentos e sim uma certeza: “- Leve os sonhos a sério – sussurrou. – Nada é tão verdadeiro que não mereça ser inventado.” (AGUALUSA, 2012, p.348).

As personagens desse romance transitam por suas identidades, tanto em busca de respostas para as suas origens, como Laurentina, como também em busca do afastamento de sua origem, assim como faz Mandume. Este que adquiriu Portugal como nova pátria, não querendo assemelhar-se em nada com as suas origens africanas, quando afirmava: “Raízes têm as plantas e é por isso que não se podem mover. Eu não tenho raízes. Sou um homem livre” (AGUALUSA, 2012, p.28).

Nesse contexto destacamos o caráter de mobilidade da identidade, ou seja, a identidade é mudada a partir do momento que se inteira com outras culturas, mudando, então, a perspectiva de entendimento sobre o que vem a ser identidade nacional. A personagem Fradique Mendes do romance *Nação crioula* reflete bem essa perspectiva, por ser um viajante que sempre está se locomovendo de um lugar para o outro, e em Angola se caracteriza como um quase africano.

Em *Milagrário pessoal*, a temática em destaque é a contribuição dos falares do povo para o avanço e transformação da Língua Portuguesa, sendo então ressaltados no romance, provérbios *ovimbundos* que enriquecem a trama. A Língua portuguesa, mesmo sendo imposta pelos colonizadores portugueses, tornou-se meio de expressão de ideias, como é caracterizado em *As mulheres de meu pai* e em *Nação crioula*. O Professor personagem de *Milagrário pessoal* caracteriza as mudanças da Língua Portuguesa como ato de subversão, por representar a mudança do pensamento dos falantes, os tornando cada vez mais conhecedores de suas realidades, podendo assim questionar o sistema em que vivem.

Essas personagens fazem parte da miscigenação resultante da sociedade branca e da sociedade negra, sendo essa perspectiva de análise da constituição da identidade angolana, resultante da junção entre Brasil, Angola e Portugal. Nesse sentido, os romances analisados de Aqualusas e caracterizam pela hibridização da cultura dos referidos países lusófonos. Notavelmente, cada um tem suas particularidades, mas o cruzamento de suas histórias, devido ao período escravista vivenciado por Brasil e Angola e, influenciado por Portugal, foi o responsável pelo surgimento de uma nova identidade. Ou seja, esta identidade ou angolanidade caracteriza-se por ser mutável a partir da vivência com várias culturas, possibilitando uma constante construção identitária.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **As Mulheres do meu pai**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012, - (Série Geral)
- _____. **Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes**: Gryphus, 2008.
- _____. **Milagrário pessoal: apologia das varandas, dos quintais e da língua portuguesa, seguida de uma breve refutação da morte** – Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010, - (Coleção Ponta de Lança)
- ANDRADE, Mário Pinto de (1975) **O canto armado do povo angolano**, in Fernando da Costa Andrade, *Poesia com Armas*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, pp. 1-18.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estética e de literatura**. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- BEZERRA, Rosilda Alves. **Resistência, identidade e memória em “A última tragédia” de AbdulaiSilá, “As mulheres de meu pai” e “O vendedor de passados” de Agualusa**. Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética. UFPR, Curitiba, 2011.
- CARVALHO, Ruy Duarte de (1995) **Tradições orais, experiências poéticas e dados de existência**, in Laura Cavalcante Padilha (org.), *Repensar a Africanidade*, Niterói: Imprensa Universitária da Universidade Federal Fluminense, pp. 69-76.
- MACÊDO, Tania, CHAVES, Rita. *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.
- FERREIRA, Manuel. **O discurso no percurso africano I**. Lisboa, Portugal: Plátano Editora, 1989.
- GRANJA, Sofia Helena de Vasconcelos Horta. **As teias da palavra: análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de Agualusa/Dissertação (Mestrado em Letras)** – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HULL, Geoffrey. Timor Leste: **Identidade, Língua e Política Educacional**. Lisboa: Instituto Camões, 2011.
- HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da Ironia**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.
- JORGE, Manuel(2006) **Nação, identidade e unidade nacional em Angola**. Conceitos, preceitos e preconceitos do nacionalismo angolano; in *Latitudes – Cahiers Lusophones*, nº 28, Dezembro, pp. 3-10.

LOURENÇO, Eduardo (1999) ***A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia***, Lisboa: Gradiva.

MARQUES, Maria Lúcia Garcia(2005) **Língua** in Fernando Cristóvão et alii (eds.), *Dicionário Temático da Lusofonia*, Lisboa: Texto Editores, p. 605

ORTIZ, Renato. ***Um outro território: ensaios sobre mundialização***. São Paulo: Olho D'Água, 1996.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia e paráfrase & Cia**. SP: Editora Ática, 2003.

SANTOS, Boaventura Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001, p.135-157.